
Desafios do trabalho docente em turmas multisseriadas: um estudo de caso na área rural da tríplice fronteira amazônica

Paloma Dias de Lima¹
Inês Cleiza dos Santos Ijuma²
Vanderleia de Souza Tapudima³

¹Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas;
palomadias01947@gmail.com

²Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas; cleizaijuma@gmail.com

³Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas;
Vandast1988@hotmail.com

RESUMO

Trabalhar na área da educação é assumir compromissos e inúmeros desafios, um desses desafios diz respeito ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido em turmas multisseriadas. O presente trabalho trata-se de um estudo de caso, cujo objetivo foi identificar os desafios enfrentados no trabalho docente em uma turma multisseriada na comunidade de São José, localizada na área rural do Município de Benjamin Constant, na triplice fronteira do estado do Amazonas. A metodologia utilizada para coleta de dados foi a entrevista direta com a professora responsável pela turma multisseriada, com questões voltadas para os principais desafios e dificuldades enfrentados ao trabalhar com alunos com idades e séries diferenciadas em um único espaço. A sala de aula é composta por alunos com faixa etária entre 7 a 15 anos de idade, distribuídas em turmas do 1º a 5º ano do ensino fundamental. Dentre as dificuldades relatadas, destaca-se a alfabetização, a falta de materiais didáticos (livros atualizados), cansaço físico e mental, distorção de idades e séries. É evidente, diante do estudo, que existe a necessidade de adotar metodologias diferenciadas, bem como materiais alternativos para ministrar as aulas. Mediante aos apanhados da pesquisa, pode-se perceber que trabalhar com turmas multisseriadas é um grande desafio, porém, torna-se algo satisfatório quando o professor percebe que o esforço do seu trabalho gera resultados positivos.

Palavras-chave: Turma Multisseriada; Escola Ribeirinha; Educação do Campo.

RESUMEN

Trabajar en el área de la educación es asumir compromisos e innumerables desafíos, uno de ellos se destaca en cuanto al trabajo pedagógico, que puede desarrollarse en las clases multigrado. El presente trabajo es un estudio de caso, cuyo objetivo fue identificar los desafíos que enfrenta en la labor docente de una clase multigrada en la comunidad de San José, ubicada en la zona rural del municipio de Benjamin Constant, en la triple frontera del estado de Amazonas. La metodología utilizada para la recolección de datos, fue una entrevista directa con el docente responsable de la clase multigrado, con preguntas enfocadas a los principales desafíos y dificultades que se enfrentan al trabajar con alumnos cuya edad se encuentra entre los 7 y los 15 años, distribuidos en aulas de 1 a 5 años de primaria. Entre las dificultades reportadas, destacan la alfabetización, la falta de material didáctico (libros actualizados), el cansancio físico y mental, distorsionando las edades y clases de aulas. Es evidente que existe la necesidad, así como materiales alternativos de adoptar metodologías diferenciadas, así como materiales alternativos para la realización de la clase. A través de la investigación, se percibe que trabaja con clases multigrado es un grande desafío, por otro lado, es satisfactorio cuando el docente verifica que el éxito su trabajo genera resultados positivos.

Palabras-clave: Turma Multigrado; Escuela Riverside; Educación Rural.

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar na área da educação é assumir compromissos e inúmeros desafios, um desses desafios diz respeito ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido em turmas multisseriadas, isso não significa que não haja desafios na docência em turmas formadas por apenas uma série, porém, quando se trabalha com alunos de idades, séries, conhecimentos e níveis diferenciados em uma única sala de aula, os desafios tornam-se maiores.

Quando a educação se torna o ponto central de discussões, de modo geral, abre-se um leque de opiniões e críticas acerca do assunto. São inúmeros dificuldades e desafios enfrentados pelos professores. De acordo com Nóvoa (2017), a profissão docente não é limitada, a formação do professor é um processo permanente de aprimoramento dos seus saberes, meum professor trabalha de forma idêntica, cada um tem seu estilo, cabe a ele encontrar sua maneira de atuar em sala de aula.

Atualmente, as comunidades ribeirinhas da região amazônica vêm se tornando pauta em diversas pesquisas, tendo como alvo a educação do/no campo com relação às questões geográficas, econômicas, recursos didáticos, cultura, formação profissional dos moradores, entre outros (OLIVEIRA; LUCENA, 2014).

O preconceito em relação ao sistema educacional rural ainda é elevado nos dias atuais, ditando a cidade como berço de alunos/cidadãos civilizados, mesmo sendo lembrada e citada em meios políticos, a educação no campo é mencionada como outra coisa, outras pessoas, outros alunos, outros profissionais, conceitualizando o ensino rural como uma educação atrasada (ARROYO, 2007).

A distinção entre ensino no meio rural e urbano faz parte de um ideário capitalista de desvalorização da população rural, o

sistema de ensino de modo geral é municipal ou estatal, e, existem muitas outras questões mais profundas nessa distinção. Amorim (2015) complementa afirmando que, “[...] os alunos e professores sofrem por inferioridade, estereótipos e as identidades e as subjetividades do rural são agregados”.

A concepção hoje de educação do/no campo está fundamentada na luta por emancipação humana, não é algo simplista, a escola no rural, em muitos casos é o Estado na comunidade, no sentido que de alguma forma garante direitos negados em especial o acesso ao processo formativo educacional. A escola é um direito matido na Constituição Federal de 1988, isso significa que todo cidadão tem direito a esse acesso no local onde reside, mesmo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394 de 1996 já legitima essa questão.

Falar sobre a educação no campo, ou melhor, nas escolas rurais, nos remete a refletir sobre um descaso ainda existente no sistema de ensino que é oferecido para as camadas sociais mais pobres, que habitam locais “isolados” (SANTOS, 2015).

Segundo Caldart (2003, p. 66), “Uma escola de campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim, é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade [...]”.

As comunidades ribeirinhas da Amazônia abrigam a maioria das escolas multisseriadas, o principal fato é a distância entre as comunidades e as sedes municipais, conseqüentemente, essas escolas acabam por não atender o número de alunos suficientes para preencher a quantidade de vagas necessárias para abertura de turmas seriadas. Essas escolas recebem alunos de várias séries, com idades diferentes em uma única turma,

com apenas um professor. Dentre os moradores que compõem as comunidades, estão caboclos, indígenas, pescadores, quilombos, migrantes, estrangeiros, negros, garimpeiros, entre outros. Essas escolas, muitas vezes são as únicas alternativas dessas pessoas buscarem por algum meio de educação (HAGE, 2014).

Segundo Santos (2015), trabalhar em turmas multisseriadas consiste num enorme desafio para professores que lecionam no campo. Esses profissionais da educação sentem o peso de carregar a responsabilidade de exercer suas práticas docentes dentro de salas de aula com alunos de faixa etária e séries diferentes.

Mesmo nos dias atuais, com o avanço das políticas públicas no meio educacional, a globalização da educação do campo ainda é algo distante, a desigualdade educacional é visível, levando-se em consideração a aprendizagem e a evasão dos alunos. A formação de professores na área do campo é outro desafio preocupante, pois, no Brasil, quase metade dos professores que são destinados a atuar no campo não possui formação superior. (HAGE, 2014).

As escolas ribeirinhas em geral, além de enfrentarem desigualdade em meios políticos, sofrem com a precariedade na infraestrutura, principalmente as situadas na região amazônica. Na visão de Ferreira (2019, p.9), “Assim como existem municípios com escolas bem estruturadas e conservadas na zona rural, também há escolas que nunca passaram por uma reforma, não têm acesso à água potável, tão pouco, banheiros”.

As escolas mais distantes da zona urbana são as que mais sofrem com a infraestrutura, muitas não têm nem identificação, muitas vezes com apenas um vão, servindo como sala de aula e como refeitório. Todavia, existem escolas multisseriadas ribeirinhas no Amazonas, mobiliadas, com banheiros acessíveis a todos, água potável, são poucas

que possuem boa organização (FERREIRA, 2019).

Entretanto, trabalhar com classes multisseriadas também traz muitos benefícios, principalmente para o educando, mediante a este pensamento, Brasileiro; Santos & Oliveira, (2018) afirmam que as escolas multisseriadas dão a oportunidade aos moradores de comunidades ribeirinhas de terem educação na sua própria comunidade, podendo vincular suas culturas com o meio educacional, além de protagonizar a socialização dos comunitários.

Sendo assim, o presente trabalho trata-se de um estudo de caso, e teve como objetivo conhecer as dificuldades enfrentadas por uma professora ao trabalhar com alunos de turma multisseriada na comunidade de São José, localizada no município de Benjamin Constant-AM.

2. DESENVOLVIMENTO

2. 1. Aproximações sobre o local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na zona rural do Município de Benjamin Constant - AM, na comunidade ribeirinha de São José, localizada na microrregião Alto Solimões e mesorregião Sudoeste Amazonense, área de tríplice fronteira - Brasil/Colômbia/Peru (IBGE, 2018). A comunidade é conhecida pela plantação e comercialização de maracujá (*Passiflora edulis Sims*), fruto este que representa a principal renda dos comunitários.

A comunidade dispõe de uma escola municipal denominada São José, sendo este um polo educacional que recebe cento e setenta e nove (179) crianças e adolescentes, incluindo crianças de outras comunidades ribeirinhas vizinhas como: Santa Luzia, São Gabriel e Esperança do Solimões. A escola dispõe de treze professores e uma coordenadora pedagógica. Atendendo alunos na etapa do Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano com organização em turmas multisseriadas

no 1º ao 5º ano. A escola, enquanto materialização do Estado na comunidade, possui um espaço para reuniões dos comunitários. (TAPUDIMA, 2019).

Figura 1: Escola Municipal São José.



Fonte: TAPUDIMA, 2019

O procedimento metodológico seguiu a abordagem qualitativa, tendo a preocupação central de refletir sobre elementos destacados que tornam possível compreender a complexidade que constitui o fato observado, tendo em vista que essa abordagem prima pelo aprofundamento acerca de um dado problema. Essa abordagem não está centralizada em aspectos quantitativos, todavia, sabemos que esses aspectos também constituem a estrutura do processo de observação qualitativa em sua base através da interpretação dos resultados.

A pesquisa teve como método o estudo de caso, a fim de recolher informações a respeito dos desafios enfrentados diariamente pelo sujeito da pesquisa, que é representado como fonte direta de dados. Freitas e Jabbour (2011) afirmam que, “apesar das limitações, o estudo de caso é o método mais adequado para conhecer em profundidade todas as nuances de um determinado fenômeno organizacional”.

Os procedimentos utilizados como base de apoio para a produção e realização deste trabalho foram pesquisas bibliográficas em revistas, livros e artigos referentes ao tema em questão.

A principal fonte para a obtenção de resultados deste estudo foi a realização de

uma entrevista direta com a professora da turma multisseriada da escola São José, oportunidade em que a docente foi indagada sobre as principais dificuldades e desafios enfrentados ao trabalhar com alunos com idades e séries diferenciadas em um único espaço.

A sala de aula é composta por alunos com faixa etária entre 7 a 15 anos de idade, distribuídos em turmas do 1º a 5º ano do ensino fundamental.

Esta etapa da pesquisa foi devidamente gravada em áudio e transcrita para análise. Ressaltando que, neste momento, o sujeito obteve total liberdade para contestar as perguntas de maneira que se sentisse totalmente seguro de suas respostas.

3. REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

Os dados da pesquisa foram retirados de narrativas e transcrições a partir da entrevista feita com a professora, seguindo um roteiro de sete (7) perguntas abertas, com o intuito de identificar as dificuldades e percepções como docente em uma sala multisseriada, que consiste num enorme desafio para os professores que ensinam no campo e em salas com alunos de faixa etária e séries diferentes.

Durante toda a entrevista, a professora afirma que ensinar para várias séries e com idades diferentes é difícil, mas, que com muito esforço consegue fazer um bom trabalho.

A mesma trabalha com multisseriação há 20, ou seja, desde o início da sua docência. Atualmente, sua turma possui 14 alunos com idades entre 7 e 15 anos, distribuídas em 1º ao 5º ano do ensino fundamental, a mesma relatou a necessidade de abrir exceção para uma aluna com distorção de idade/série, isso devido ao fato de sua família ter chegado à comunidade após o início das aulas, esta aluna, pelo seu bom desenvolvimento nas aulas, acompanha a turma do 6º ano. A partir das respostas, identificamos

durante as perguntas quais os procedimentos didáticos utilizados pela professora na turma multisseriada:

Como a senhora faz para ministrar aula para alunos de séries diferentes e com idades diferentes tudo no mesmo espaço?

Escolhemos algumas transcrições para compor este artigo, conforme excertos a seguir:

Prof^a. “Essa é a questão que temos que ser malabarista, na minha sala tem dois quadros, como os alunos do 3º e 5º estão no nível parecido, eu nivelei a turma, vou pesquisando os conteúdos que são parecidos, do 3º, 4º e 5º ano, trabalho de uma única vez, por conteúdo de gramática trabalho com essas três turmas tudo de uma vez, foi como comecei a ganhar mais tempo para trabalhar, porque os alunos do 2º ano eles têm dificuldade em leitura, fiquei com uma lousa para trabalhar com eles, eles precisam de uma atenção maior” (professora).

De acordo com as informações repassadas pela professora, pode-se perceber que, para atuar em uma sala de aula que comporta alunos com distorção de séries e idades, é preciso planejamento, no caso da professora, como os conteúdos são repassados para séries diferentes, esta se viu em um ambiente desproporcional, sendo assim, quanto às metodologias e/ou estratégias de ensino, a professora teve que se adaptar para conseguir ministrar suas aulas de maneira que os alunos pudessem acompanhá-la.

A presença do modelo de ensino urbano presente nas escolas multisseriadas é o que “obriga” os professores a trabalhar de forma fragmentada, tendo que recorrer a planejamentos, cuja avaliação é feita de forma separada para cada uma das séries (HAGE, 2014).

Em relação às adaptações utilizadas em sala, a educadora relata ser indispensável a implementação de metodologias diferenciadas.

“Trabalho com material impresso, levo jogo, mas a dificuldade é enorme, porque tem aluno do 1º ano que não sabia ler nem escrever e não sabiam pegar

no lápis, porque tem comunidade que não tem o ensino infantil. Na turma multisseriada você tem que dar aula para a educação infantil, para o primeiro ciclo e segundo ciclo, 3º, 4º e 5º ano. Temos que usar técnicas diferentes, utilizar uma metodologia diferenciada” (professora).

A partir da narrativa da professora, pode-se constatar que há uma preocupação em repassar para seus alunos os conteúdos de forma que os mesmos possam compreender. Para isso, a educadora busca formas diferenciadas para alcançar o seu objetivo. “Como visto, a criatividade dos educadores é posta à prova de forma exaustivamente exploradora quando se têm mais de uma turma em uma única sala, desse modo, é importante o acompanhamento constante da coordenação [...]” (OLIVEIRA, 2019, p.30).

A professora levanta a questão do esgotamento físico e/ou mental, relatando que se os problemas não são controlados, alguns chegam até mesmo a desistir de exercer sua profissão para cuidar da saúde.

“O cansaço mental acaba te deixando insatisfeita, acaba perdendo as esperanças, porque você está ali, lutando batalhando, fala com os alunos, cobra, tenta chamar atenção até de uma forma mais forte, esses desinteresses do aluno, da família” (professora).

A docência demanda, dos profissionais, formação em diferentes dimensões e conhecimento dos conteúdos a serem ministrados, atributos, entre eles, paciência e foco para evitar ao máximo as sensações negativas advindas da pressão diária do trabalho (OLIVEIRA, 2019).

Quando questionado à professora se a mesma sente a diferença entre trabalhar com turmas no município de Benjamin Constant e com a sua turma na comunidade, a mesma relata que:

“sim, totalmente diferente, o acompanhamento com minha turma do 4º ano não tem comparação com a turma da comunidade, e, a minha turma do município, do 4º ano

80 % está apta para o 4º ano, já na comunidade eu não tenho esse acompanhamento, já que eles têm muita dificuldade em ler, gramática, ortografia, produção, interpretação, e são coisas que temos que trabalhar da base, esse é o problema das turmas multisseriadas, porque é muita coisa para você trabalhar no único momento, são turmas diferentes, são conteúdos diferentes, porque se você não nivelar fica mais difícil ainda” (professora).

A atuação docente no campo apresenta condições precarizadas por diferentes razões, em especial, as lacunas relativas ao conhecimento acerca de estratégias e metodologias de ensino são evidentes.

De acordo com a professora, ensinar em turmas multisseriadas requer muito trabalho e paciência, principalmente se o educador se depara com crianças em início de alfabetização desproporcional à sua idade, fazendo assim com que o mesmo tenha que se adaptar ao ritmo do seu aluno, precisando reorganizar seu plano de aula.

A educadora ainda aponta a distinção entre trabalhar com turmas seriadas e multisseriadas.

“Aqui não, (município) tem os professores do 1º ano, os do 2º ano são seriados, aí tudo fica mais fácil, se eu pego turma do 1º ano sei que vou ter que trabalhar alfabetização vou terminar de complementar a alfabetização deles, eu começo a ensinar as produções as interpretações, a incrementar o que eles trouxeram da educação infantil. E nem sempre na educação infantil da zona rural que é pré 1 e 2 que é todo mundo junto e precisa ser separados porque são coisas diferentes, são realidades diferentes, a turma estarem juntas você nem sempre trabalha o que é para ser trabalhado às vezes não dá tempo, no momento você pensa, eu vou ter esses 5 cinco anos para correr atrás do que ele não aprendeu lá na educação infantil para ele aprender no primeiro ano, e sucessivamente, mas nem sempre dá” (professora).

Há uma grande preocupação em nivelar as séries com inúmeros conteúdos, com alunos de diferentes idades, proporcionando um grande desafio para o docente, conseqüentemente a necessidade de buscar novas soluções para

conseguir vincular o conteúdo ao nível de assimilação de cada aluno é evidente.

“A escola multisseriada pode ser compreendida como uma organização que possibilita o desenvolvimento de um processo educativo diferente” (DRUZIAN; MEURER, 2013, p.140), em que o professor cria metodologias diferenciadas que abrange todos os alunos, de diferentes níveis, quando se compara à metodologia seriada.

Sabe-se que lecionar no Brasil já é um grande desafio, a falta de apoio governamental, no que diz respeito ao fornecimento de materiais e infraestrutura, a atuação em comunidade ribeirinha demanda políticas públicas que possam garantir a qualidade da formação docente, a valorização salarial entre outros direitos historicamente negados às populações residentes em área rural no Brasil.

Em relação à disponibilização de material para complementar realização do trabalho docente, a professora relata que, nas escolas da sede municipal, estes já não estão disponíveis em quantidades suficientes, na escola rural são ainda mais difíceis, por isso, a necessidade ainda maior de implementação de metodologias diferenciadas, pesquisas e atividades lúdicas.

“Na verdade, por exemplo, esse ano nós não tivemos livros, não teve livro para os alunos, teve, mas não dava para a turma toda, os livros do professor não foi o suficiente para a turma toda, aí eu pego meu material, baixo muita coisa da internet, infelizmente a escola não consegue suprir todas as necessidades, então tenho que buscar material, adequar porque se for ficar esperando só pela SEMED, só pela escola você não vai fazer um bom trabalho nem que você queira” (professora).

Se professores que atuam nas escolas das sedes municipais não têm material suficiente para atender suas necessidades em sala de aula, as escolas de comunidades ribeirinhas são afetadas ainda mais pela

falta de materiais didáticos. O trabalho docente se torna mais desafiador em escolas rurais, pelas condições inadequadas das mesmas, a maioria das escolas situadas em locais distantes das sedes municipais não possui acesso à internet, energia elétrica 24 horas, merenda escolar ou água potável, conseqüentemente, esses desafios desestimulam os alunos e professores, ocorrendo, muitas vezes, a evasão escolar (HAGE, 2014). Assim como a professora relata, é imprescindível a união dos órgãos educacionais, tanto municipal, estadual como federal, para que os professores tenham materiais necessários.

Em relação à principal dificuldade de trabalhar com turmas de multisseriadas, a professora destaca que:

“No tocante à alfabetização, se a gente tivesse mesmo que fosse multisseriados, só 1º e 2º ano, por exemplo, que o segundo ano é um reforço bem maior que a alfabetização, ficaria bem mais fácil para você trabalhar, já chega a falta de material que não tem, a maioria das coisas traz de casa, é muita turmas juntas, se a turma do 1º ano não fosse multisseriado ou no máximo 2º ano, as coisas ficariam mais fáceis, geralmente na zona rural, alunos do 2º ano na sua grande maioria está no mesmo nível do primeiro, tem aqueles que se destacam, ouvem o nosso clamor, mas alguns acham que a escola é responsável por tudo, a escola tem que fazer o milagre, o trajeto também é cansativo demais, temos que acordar antes das 5 horas e chegar no porto antes das 6, porque 6 horas a canoa já está saindo e tem coordenador que não espera nem 1 minuto” (professora).

Durante todo o acompanhamento da turma, assim como o relato da professora responsável, pode-se perceber que trabalhar em comunidade ribeirinha é uma função muito exigente e é ainda maior quando a atuação é realizada com alunos de séries e idades diferentes em um único espaço, e o principal objetivo para o docente é contribuir na educação e formação dos alunos, sem limitações de conhecimentos, sem rótulos de multi ou seriado.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com isso, pode-se perceber que o professor que atua no campo necessita de uma formação qualificada para trabalhar de maneira que consiga se adaptar à forma de ensino que a educação do campo demanda. Diante dos relatos da professora, assim como diversas pesquisas, só reafirmam a questão do preconceito em relação às escolas ribeirinhas, Todavia, os órgãos federais, estaduais e municipais deveriam olhar mais para as escolas rurais, sem priorizar as sedes municipais. No entanto, mesmo com tantos desafios, a docência em si, seja em sedes urbanas ou escolas ribeirinhas, possui seus pontos positivos, por exemplo, ao chegar ao final do ano letivo e ver que os seus alunos conseguiram passar de ano, ou melhor, conseguiram ler e escrever corretamente, a sensação é maravilhosa e muito gratificante.

A pesquisa traz como contribuição o fortalecimento da discussão sobre as questões centrais da Educação do/no Campo amazônico, pensar a multisseriação não como um problema existente, mas, como uma característica a ser qualificada nesse âmbito formativo. A Educação do/no Campo não é esmola é um direito constitucional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Daiana. Aparecida. M. Educação rural nas salas multisseriadas: uma reflexão sobre as políticas públicas para esse contexto. **37ª Reunião Nacional da ANPED**, Florianópolis, 2015. Disponível em: <
<http://www.anped.org.br/sites/default/files/pôster-gt14-4207> >
- ARROYO, Roseli Salete. Políticas de formação de educadores (as) do campo. **Cad. Cerdes**. Campinas, v.27, n.72, p. 157-176, 2007.
- BRASILEIRO, Rute; SANTOS, Amanda; Oliveira, Advanusia. Desafios em se trabalhar com programas para classes

multisseriadas. In: **Encontro Internacional de Formação de Professores. CAPA**, v.11, n.1, ISSN: 2179-0663, p.1-15, 2018.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento.

Currículo sem fronteiras. Petrópolis, v.3, n.1, p.60-81, Jan/Jun., 2003.

DRUZIAN, Franciele; Meure, Anne Carine. Escola do campo multisseriada: experiência docente. **Geografia Ensino & Pesquisa** [online] v.17, p.129-145, n2, ISSN 2236-4994, maio/agosto, 2013. DOI: <http://10.5902/22364994/10777>

FERREIRA, J. S. O ensino em turmas multisseriadas e suas condições de trabalho: um olhar para as escolas do campo na região do Alto Solimões, Amazonas. **Rv. Bras. Educ. Camp** [online]. Tocantinópolis, v.4, 6230, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6230>

FREITAS, Wesley; JABBOUR, Charbel. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **ESTUDO & DEBATE**, Lajeado, v. 18, n. 2, 2011.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como Professor, afirmar a profissão Docente. **Caderno de Pesquisa**. v. 47, n.166, p.1106-1133, out./dez., 2017.

OLIVEIRA, Cristiano da Silva Oliveira. O ensino-aprendizagem em salas multisseriadas: o caso da extensão de uma escola pública no distrito Tingui, município de Água Branca/AL. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia)- Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019. <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5298>>

OLIVEIRA, José Sávio; LUCENA, Cristina Rodrigues. Alfabetização matemática em classes multisseriadas de escolas ribeirinhas da Amazônia: atuação docente em foco. **Revista Brasileira de estudos Pedagógicos**. Brasília. v. 95, n. 239. 2014.

SANTOS, Willian Lima. A prática docente em escolas multisseriadas.

Revista Científica da FASETE, Bahia, 71-80, 2015.